



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS MACEIÓ

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA

AMANDA KARLA DOS SANTOS

ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA DO  
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS: REFLEXÕES SOBRE SUA COLABORAÇÃO  
NA FORMAÇÃO DOS LICENCIANDOS

MACEIÓ/AL

2019

AMANDA KARLA DOS SANTOS

ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA DO  
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS: REFLEXÕES SOBRE SUA COLABORAÇÃO  
NA FORMAÇÃO DOS LICENCIANDOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Química do Instituto federal de Alagoas – IFAL, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Química.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ma. Elisabete Oliveira.

MACEIÓ/AL

2019

S237e

Santos, Amanda Karla dos.

Estágio supervisionado do curso de licenciatura em Química do Instituto Federal de Alagoas : reflexões sobre sua colaboração na formação dos licenciados / Amanda Karla dos Santos. – 2019.

1 CD-ROM ; (1 arquivo : 376 kilobytes).

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 47 folhas, acondicionado em caixa acrílica (12,5 cm x 14 cm).

Orientação: Prof. Ma. Elisabete Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Química) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*, Maceió, 2019.

1. Química. 2. Química – Estágio supervisionado. 3. Química – Docência. 4. Formação de professores. I. Título.

CDD: 540.7

---

**Franciane Monick Gomes de França**  
**Bibliotecária**  
**CRB-4/1831**

FOLHA DE APROVAÇÃO

AMANDA KARLA DOS SANTOS

ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO SUPERIOR EM LICENCIATURA EM QUÍMICA DO INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS: REFLEXÕES SOBRE SUA COLABORAÇÃO NA FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFISSIONAL DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Química.

Aprovado em 28 de Novembro de 2019

BANCA EXAMINADORA:

*Elisabete Duarte de Oliveira*

Profa. Ma. Elisabete Duarte de Oliveira (Orientadora)  
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

*Regina Maria de Oliveira Brasileiro*

Profa. Ma. Regina Maria de Oliveira Brasileiro (Examinadora)  
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

*Jesu Costa Ferreira Junior*

Prof. Dr. Jésu Costa Ferreira Júnior (Examinador)  
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

À Deus, minha família, professores e colegas de jornada que contribuíram com minha formação e conclusão do curso.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me concedido saúde e coragem para enfrentar mais essa jornada, pois só o Criador para me fortalecer nos momentos menos favoráveis e me fazer enxergar a real beleza da minha existência.

A minha família pelo apoio de todas as horas, por entender minhas ausências e abusos. A minha mãe Silvania, que é o meu exemplo de coragem, por ter me ensinado as primeiras linhas e por me mostrar que a cada dia é uma batalha e que temos que aprender com tudo que aparece em nosso caminho.

A Maria Priscila, Vida, pela década que passamos juntas, pelo carinho, amor, compreensão, por aguentar minhas reclamações e por fazer contar cada detalhe das séries por você não lembrar do episódio anterior.

Aos meus professores do ensino básico, pois sem a dedicação e conselhos deles não perceberia a importância desse período da minha vida.

Aos meus professores do IFAL pela dedicação e apoio em especial, professor João Batista que me fez despertar para a dedicação da vida profissional.

Agradeço a minha orientadora, Elisabete Oliveira, por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava, por ser exemplo de dedicação a profissão docente e por me guiar nessa trajetória. Meu Obrigada!

Aos meus colegas de curso, pelo companheirismo, apoio e ajuda no decorrer do curso e depois também. Rs...

Dedico esse trabalho ao meu avô, Carlindo, por ter me passado toda essa rabugice que tenho, saudades meu velho!

Amanda Santos

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Paulo Freire

## RESUMO

Esse trabalho teve como objetivo conhecer a importância e perspectivas do estágio supervisionado para os alunos do curso de licenciatura em química do Instituto Federal de Alagoas -IFAL, em sua formação. A metodologia utilizada no trabalho teve como foco as subjetividades e particularidades do sujeito, não dissociando os atores sociais de suas realidades, por isso teve como campo de coleta de dados o ambiente dos sujeitos estudados. Quanto à contribuição legal, o trabalho se deteve em leis, resoluções, portarias que tratassem sobre a prática de estágio supervisionado, LDB e o projeto pedagógico do curso. Foi fundamentado principalmente pelas autoras: Selma Garrido Pimenta (2012), Maria Socorro Lucena Lima (2012), Cleoni Maria Barboza Fernandes (2010) e Cipriano Luckesi (1994), por discutirem os conceitos e concepções de prática, teoria, práxis e avaliação presentes nos cursos de formação de professores. Entre os resultados encontrados foi a verificação da pouca utilização do estágio como agente de reflexão no curso de licenciatura em química, fato que poderia ser mudado, se o estágio fosse usado como origem da formação, eixo de relação entre as disciplinas, instrumentalizando teoricamente os estagiários, desenvolvendo leituras, análises e problematização de suas práxis e identidades, como futuro educador.

**Palavras-chave:** Formação de professores, Estágio supervisionado, Construção da identidade profissional.

## **ABSTRACT**

This work aimed to know the importance and perspectives of supervised internship for students of the undergraduate degree in chemistry at the Federal Institute of Alagoas -IFAL, in its formation. The methodology used in the study focused on the subjectivities and particularities of the subject, not dissociating the social actors from their realities, so it had as its field of data collection the environment of the studied subjects. As for the legal contribution, the work focused on laws, resolutions, ordinances that dealt with supervised internship practice, LDB and the pedagogical project of the course. It was mainly supported by the authors: Selma Garrido Pimenta (2012), Maria Socorro Lucena Lima (2012), Cleoni Maria Barboza Fernandes (2010) and Cipriano Luckesi (1994), for discussing the concepts and conceptions of practice, theory, praxis and evaluation present in teacher training courses. Among the results found was the verification of the low use of the internship as a reflection agent in the undergraduate degree in chemistry, a fact that could be changed if the internship were used as the origin of the formation, axis of relationship between the disciplines, theoretically instrumentalizing the interns, developing readings, analysis and problematization of their praxis and identities, as a future educator.

Keywords: Teacher training, Supervised internship, Professional identity construction.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. APORTE LEGAL E TEÓRICO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO</b> .....	13
1.1.Aspectos Históricos dos Estágios Supervisionados nos Cursos Superiores....	13
1.2.Estágio Curricular Supervisionado e o Instituto Federal de Alagoas.....	16
<b>2.CONCEPÇÕES DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO</b> .....	21
2.1.O Estágio como Prática de Imitações de Modelos.....	23
2.2.O Estágio como Prática de Instrumentalização Técnica.....	25
2.3.Práxis e a Formação do Docente em Química.....	27
<b>3.REFLEXÕES A CERCA DA COLETA DE INFORMAÇÕES COM OS SUJEITOS DO TRABALHO</b> .....	29
3.1.Formação do Perfil dos Entrevistados.....	29
3.2.Concepções sobre Educação.....	32
3.3.Cursos de Formação de Professores de Química.....	33
3.4.Conceito de Estágio.....	35
3.5.Perspectivas e Dificuldades no Período de Estágio.....	36
3.6.Impactos dos Momentos Iniciais em Sala de Aula.....	38
3.7.Importância do Estágio na Formação do Licenciando em Química.....	41
<b>4.CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	43
<b>5.REFERÊNCIAS</b> .....	45

## INTRODUÇÃO

O processo de formação de um futuro docente atualmente é marcado por duas etapas: a primeira traz a base teórica de quase tudo que precisamos saber a respeito do conhecimento específico do curso, das fundamentações pedagógicas e a segunda etapa é marcada pela prática de estágio. No período do estágio supervisionado, o futuro professor entra em contato com seu lócus profissional, percebe um pouco das dificuldades, desafios, perspectivas e prazeres que terão iminente, além disso, enxerga a responsabilidade de ser um profissional da educação.

A prática de estágio não dá apenas o reconhecimento do ambiente profissional ao estudante, ela pode dá a capacidade de reflexão sobre, por exemplo: a continuidade ou não do curso e/ou mudanças de atuações como, por exemplo, especializar-se na área da pesquisa. Ou seja, é uma fase muito importante na formação de um educador, pois todos esses passos trazem influências na caracterização profissional do docente.

As etapas citadas acima na realidade deveriam apenas formatar o calendário e a programação do curso, pois essa separação é inexistente, não há divisão no processo de formação e sim soma, conexão, coesão. No entanto, existem instituições formadoras que segregam tão claramente uma etapa da outra (teoria e prática) de forma que os alunos não conseguem conectar essas especificações do seu processo de formação, acreditando realmente na existência de fases distintas e levam essa separação ao longo do período formativo.

Para Fernandes (2010, p. 330):

Esse paradigma que se funda em uma única racionalidade, a racionalidade técnica, desqualifica todas as outras formas de conhecer e de compreender o conhecimento e o mundo da vida e do trabalho, trazendo uma supervalorização da teoria sobre a prática; uma redução da ciência a uma única lógica; uma perda das visões globais e integradoras dos campos científicos.

A teoria é indissociável da prática, sem teoria não existe prática, como se pratica algo sem conhecer o funcionamento, processo, consequências dessa prática? Relação teoria e prática não é tudo que um professor de química busca em

sala de aula? Não é tentar pegar fenômenos do cotidiano e mostrar para seus alunos que ali existe química e que eles praticam químico o tempo todo? Já a prática auxilia a teoria na descoberta de uma outra teoria e/ou melhoramento dessa, logo teoria e prática estão conectadas e essa conexão é necessária na formação de professores de química.

O interesse pelo tema surgiu de uma problematização, um desdobramento de questões que partiram de uma curiosidade ingênua e que se transformou em curiosidade epistemológica a respeito da dicotomia entre teoria e prática no âmbito do estágio curricular supervisionado na formação do professor de química.

Esse trabalho teve como objetivo conhecer a importância e perspectivas do estágio supervisionado para os alunos do curso de licenciatura em química do Instituto Federal de Alagoas -IFAL, em sua formação. A metodologia utilizada no trabalho consistiu numa pesquisa qualitativa, que tem como foco as subjetividades e particularidades do sujeito, não dissociando os atores sociais de suas realidades, por isso teve como campo de coleta de dados o ambiente dos sujeitos estudados. O procedimento da pesquisa foi voltado ao estudo de caso e estudo documental do aporte legal do estágio curricular, meio pelo qual se pôde obter amplo e detalhado conhecimento sobre o objeto estudado, respondendo assim questionamentos do pesquisador.

As técnicas usadas nas coletas de dados foram questionário, meio que transcreve os objetivos específicos da pesquisa para obter informações de forma direta e anônima e entrevista semiestruturada, técnica que permite ao entrevistado responder livremente as indagações de acordo com suas concepções, possuindo um caráter mais livre.

Quanto à contribuição legal do trabalho nos detemos na Lei Nº 11.788, de 25 de Setembro de 2008, que define e classifica as relações de estágio supervisionado no âmbito nacional, Projeto Pedagógico do Curso Superior de Licenciatura em Química, do Instituto, Portaria Nº 1444/ GR, de 09 de Julho de 2014, que orienta a prática profissional nas licenciaturas do Instituto Federal de Alagoas – IFAL, Deliberação Nº 63/CEPE, de 6 de Novembro de 2017, aprova a Política Institucional do Instituto Federal de Alagoas – IFAL, para Formação Inicial e Continuada de Professores da Educação Básica, Resolução Nº 34/ CS, de 30 de Agosto de 2013,

regulamenta e estabelece diretrizes para a realização de estágio dos estudantes do IFAL, bem como da LDB que fundamenta todas as relações educacionais nacionais.

O lócus da pesquisa foi o Instituto Federal de Alagoas que em 2008, passou a ofertar cursos de licenciaturas que conforme a alínea b do inciso VI do caput do citado art. 7º estabelece que no mínimo 20% das vagas sejam reservadas aos cursos de licenciaturas.

O trabalho se deu especificamente em relação ao curso superior de licenciatura em química, onde os sujeitos alvos da pesquisa são alunos do 7º e 8º períodos do curso, pois por já terem passado pela maior parte das fases de estágio supervisionado poderão melhor expor a relevância dessas etapas em sua formação.

O presente trabalho foi fundamentado principalmente por: Selma Garrido Pimenta (2012) e Maria Socorro Lucena Lima (2012) por discutirem os conceitos e concepções de prática, teoria e práxis presentes nos cursos de formação de professores. Além de uma visão atual para pesquisa na formação docente, as autoras inserem o estágio em definitivo como um dos componentes importantes na formação de professores, não o analisando como mero componente curricular, destacando seu papel complexo na caracterização e qualificação do professor crítico-reflexivo. E Cleoni Maria Barboza Fernandes (2010) e Cipriano Luckesi (1994), por seus conhecimentos e obras a respeito da importância da relação professor-aluno e concepções sobre avaliação e aprendizagem.

## **1. APORTE LEGAL E TEÓRICO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

### **1.1. Aspectos Históricos dos Estágios Supervisionados nos Cursos Superiores**

A participação da “prática” na formação de professores teve seu início nos anos 30, período marcado por variações de conceitos e características dessa prática, a essa inconstância é atribuída a não unificação dos currículos dos cursos, que mudava de acordo com o estado, ou seja, não existia lei, portaria ou resolução que regulamentasse a unidade das grades curriculares dos cursos de formação.

A Lei Orgânica do Ensino Normal, de 2 de janeiro de 1946, explicitou a necessidade da prática na formação do professor, no entanto a concepção de prática era voltada para imitação de modelos já existentes, logo nada mais era que um treinamento de algumas habilidades consideradas importantes para o futuro professor. Nessa perspectiva a prática era reduzida à apenas algumas tarefas sem reflexão, onde o sentido de epistemologia praticamente não existia, sentindo do fazer para quê, do conflito e dos questionamentos era marcado pela hierarquia do poder teórico.

Segundo Pimenta (2012, p. 42):

A prática profissional como componente da formação, sob a forma de um estágio profissional, não se colocava como necessária, uma vez que, de um lado, não tínhamos propriamente uma profissão [...]

Apenas em 1962 a prática de ensino foi definida como Estágio Supervisionado tornando-o componente obrigatório a ser cumprido pelos cursos de formação de professores, baseado no Parecer no Conselho Federal de Educação 292 de 14 de novembro de 1962. Mesmo com algumas mudanças ao longo dos anos os cursos de formação de professores mantêm a separação entre teoria e prática o que torna os cursos de baixa qualidade e aumentando as distâncias entre formação específica e pedagógica.

“[...]a Habilitação Magistério é um curso com conteúdos rarefeitos, e formação idem.[...]” não oferece nem formação geral nem base para sólida formação profissional.” (CANDAU, 1986, p. 22-24 apud PIMENTA, 2012, p.69.)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, LEI nº 9.394 de dezembro de 1996, trouxe à tona a necessidade de se relacionar teoria e prática na formação de professores e que essa associação deveria ser feita durante os estágios supervisionados. Onde a prática deveria ocorrer ao longo do curso, como ação associada à sua formação teórica, trazendo aos futuros docentes reflexões sobre a atividade profissional.

Os cursos de formação na área de química apresentam dois perfis o bacharelado e a licenciatura, segundo o PARECER CNE/CES 1.303/2001 o primeiro tem formação generalista, voltada para domínios de técnicas laboratoriais e de equipamentos e ter capacidade de avaliar e interpretar transformações de materiais em produtos, controlando suas etapas e ter criatividade nas soluções de problemas. O segundo deve ter uma formação mais sólida e abrangente em diversos conteúdos da química, preparação adequada à aplicação pedagógica do conhecimento e experiências da química na atuação profissional como educador na educação fundamental e média.

As Diretrizes Curriculares para Cursos de Química, Bacharelado e Licenciatura Plena, deixa bem claras as diferenças nas características de ambos os cursos, mas ainda existem unidades formadoras que não propiciam a distinção entre as duas formações, mantendo alunos de licenciaturas engessados e presos em cálculos e teorias distanciando-os de suas áreas de trabalho. Na licenciatura a relação dos conteúdos didáticos-pedagógicos, conteúdos específicos da química e inclusão no ambiente escolar é algo de extrema relevância, a união desses fatores eleva a qualidade de formação e consciência da realidade do futuro professor. Ou seja, associar o estágio durante o decorrer dos cursos de licenciaturas é fundamental na formação do perfil do licenciando acima citado, o período de estágio é o divisor de águas na formação dos licenciandos pois é a fase de aproximação do formando com a profissão docente, é nesse momento que vai existir a confirmação ou negação na continuidade do curso e conseqüentemente da profissão.

Atualmente a prática do estágio supervisionado nos cursos de formação de licenciandos é regulamentada pela Resolução Nº 2, de 1º de julho de 2015, § 1º do Art. 13, que estabelece como 400 horas dedicadas ao estágio supervisionado, na área de formação e atuação na educação básica, contemplando também outras

áreas específicas, se for o caso, conforme o projeto de curso da instituição a partir do início da segunda metade do curso e Lei Nº 11.788, de 25 de Setembro de 2008.

Essa resolução quebra o olhar da antecendência da teoria em relação a prática e desliga a visão do estágio como componente de final de curso, onde os formandos já teriam passado pelos eixos específicos e pedagógicos e coloca o estágio como matriz de reflexão, desafios e experiências. Nessa momento começa-se a considerar que é impossível separar sujeito do objeto de estudo, sem que haja prejuízo no processo de construção/assimilação de um em detrimento do outro, tornando a formação incompleta.

A Lei Nº 11.788 orienta as relações e prática de estágio em âmbito nacional, resguarda aspectos legais para todos os envolvidos no processo e aborda o estágio de forma superficial, onde destaca o estágio como:

Art. 1º - Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. (BRASIL, e Lei Nº 11.788, de 25 de Setembro de 2008).

O texto dispõe de forma generalizada o tema estágio curricular supervisionado e não o classifica, nem diferencia as diferentes modalidades de ensino. Ou seja, um estudante de licenciatura em química é orientado pelas mesmas normas de um estudante de educação profissional, em nenhum momento a presente Lei ressalta a importância e a complexidade do período de estágio, o que o distancia do eixo norteador para a formação do docente.

Pimenta e Lima, (2004, p. 87): avalia como “equivocos e retrocessos”, o estabelecimento e distribuição das 2.800 horas dos cursos de formação. O que as fazem pensar que essa distribuição mostra uma fragmentação curricular, que mantém a divisão teoria e prática, entre o saber e o fazer. Essa fragmentação da carga horária dos cursos de licenciatura em horas práticas de estágio, horas de conteúdo em conhecimentos específicos, horas de aulas com conteúdos didáticos pedagógicos, não auxilia em nada a formação do licenciando, na verdade essa

divisão dá mais afirmação a dissociação entre teoria e prática, onde se deveria afirmar o contrário sua indissociabilidade. O mesmo pensamento serve para a fragmentação das horas de estágio, o tempo pode ser considerado pouco, uma vez que se trata de um momento investigativo-reflexivo para os licenciandos, ou seja, uma carga horária melhor trabalhada melhoraria a participação na vida acadêmica e social da escola, permitindo do futuro professor, em destaque o de química, assim vivenciar situações reais em seu processo de formação.

Sabe-se das dificuldades das escolas públicas que tem problemas que vão da estrutura física, falta de material básico para seu funcionamento, disciplina, até manutenção da sua grade e programação curricular. Muitas escolas não possuem laboratórios de química, logo quanto mais contato com a escola o licenciando em química tiver com essas situações mais crítica e reflexiva serão suas escolhas nas resoluções desses problemas que eles possivelmente poderão encontrar ao longo de sua profissão.

## **1.2. Estágio Curricular Supervisionado e o Instituto Federal de Alagoas**

No Instituto Federal de Alagoas o Estágio Curricular Supervisionado é regulamentado pela Resolução Nº 34/CS, de 30 de agosto de 2013, que tem caráter regulador das normas para prática de estágio de modo mais amplo, pois regulamenta também os estágios em outras modalidades de ensino do Instituto. A Resolução não caracteriza o estágio apenas com cunho profissional, mas também como atividades cultural e social.

§1º Considera-se como estágio curricular supervisionado as atividades de cunho profissional, social e cultural proporcionadas aos estudantes, realizadas na comunidade ou junto a pessoas jurídicas de direito privado, e os órgãos da administração pública direta ou autárquica e fundacional, bem como profissionais liberais de nível superior, devidamente registrados em seus respectivos conselhos de fiscalização profissional. (BRASIL, Resolução Nº 34/CS, de 30 de agosto de 2013.)

Assim como a Resolução Nº 34/CS, de 30 de agosto de 2013, a Portaria Nº 1444/GR de 09 de julho de 2014, também rege e organiza a prática de estágio

supervisionado no Instituto Federal de Alagoas, no entanto é restrita aos cursos de licenciatura e estabelece que o estágio deva ser desenvolvido no ambiente de trabalho dos futuros docentes de acordo com o projeto pedagógico de cada curso e com duração de no mínimo de 400 horas, respectivamente.

Outro ponto de unidade entre a Resolução N° 34/CS e a Portaria N° 1444/GR é ter como foco do resultado do período de estágio supervisionado, os relatórios técnicos, diário de campo e lista de presença como meio de “avaliação”. Será que se pode medir os resultados de um período complexo, repleto de informações e conhecimentos baseados em um simples relatório?

Assim como a Resolução N° 34/CS e a Portaria N° 1444/GR, a Deliberação N° 63/CEPE, de 6 de Novembro DE 2017, na seção IV, trata também da parte burocrática, indicando os papéis e responsabilidades do campo de estágio, estagiário, coordenadores e supervisores.

Analisando as resoluções, portarias que coloca o final do estágio apoiado e avaliado apenas por relatórios nos fazem refletir sobre o real conceito de avaliação. A avaliação de um tempo tão importante na formação do docente em química, deveria fornecer dados para construir um perfil crítico-reflexivo, com o estudante através das características e habilidades absorvidas durante o convívio com a comunidade escolar e sociedade.

Para Luckesi et al, (2005): destaca que o papel da avaliação é diagnosticar a situação da aprendizagem, tendo em vista subsidiar a tomada de decisão para a melhoria da qualidade do desempenho do educando. Para o autor ação de avaliar é dinâmica, inclusiva e democrática, pois é no ato de avaliar que busca maneiras de desenvolvimento tanto para o professor quanto para o estudante.

Logo o meio de se avaliar o período de estágio supervisionado como componente pedagógico e inclusivo por meio de relatórios, torna-se contraditório à sua complexidade, pois o ato de escrever relatórios não aponta as habilidades e conhecimentos adquiridos pelo estudante de licenciatura em química, muito menos de apontar intervenções adequadas no processo de aprendizagem. Avaliar não é examinar. A primeira leva em consideração todos os segmentos pelos quais o estudante pode obter conhecimentos e verifica a melhor maneira do aluno sintetizar

e construir esse conhecimento. Já a segunda leva apenas relevância o aspecto quantitativo, meio que pode ser considerado supressor e igualitário.

Quanto ao Projeto Pedagógico do curso de licenciatura em química, agrega todos os eixos importantes de ensino como o pedagógico, específico, integradores e apresenta uma visão de afastar-se da comparação e diminuição do curso de licenciatura em química em relação ao curso de bacharel, buscando simetria e igualdade a ambos os cursos.

O Projeto deixa nítido a relevância da relação teoria e prática e formação de profissionais qualificados não apenas nas áreas específicas da química, mas também no que diz respeito aos aspectos humanístico, ou seja, apresenta vários centros que buscam a unidade na estrutura do curso.

Ou seja, busca romper a dualidade histórica e cultural que tanto caracterizava e ainda caracteriza (algumas instituições de formação) a formação de professores de química, tencionando as relações entre os vários eixos formadores sem a conservadora hierarquia da teoria e saberes específicos em detrimento da epistemologia que formação de professores de química exige.

Como apresenta o texto abaixo:

Por ser espaço privilegiado de desenvolvimento de pedagogias apropriadas às especificidades da educação básica, a licenciatura, especialmente em Química, deverá eleger o desenvolvimento da reflexão pedagógica sobre a prática docente nesta área, o fortalecimento do elo teoria/prática, a reflexão sobre a profissão, as relações de poder nas instituições escolares e a responsabilidade dos professores, dentre outros aspectos, como os elementos balizadores na implementação do processo de formação. (Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Química, 2013. P. 10).

O eixo Integrador/Práticas pedagógicas, onde se encontra o componente estágio curricular supervisionado é o segmento no texto do projeto que enfatiza a prática como componente curricular, trata do processo da práxis na formação do docente em química: “[...] é o espaço de convergência no qual, por excelência, se desenvolverá o processo de práxis na formação do professor constituído pela experiencição permanente decorrente da relação teoria/prática consequente do

diálogo inter, trans e multidisciplinar no interior da academia e da interlocução com o ambiente/contexto escolar [...]”.

Além disso, o curso insere os licenciandos em todos os níveis da educação básica: fundamental, médio e técnico/profissional, o que proporciona aos futuros professores de química um conhecimento investigativo nas diversas modalidades de ensino aumentando assim suas visões a respeito do ser professor. Essa relação do licenciando em química nas diferentes modalidades de ensino traz uma melhor adaptação dele com a diversidade de alunos, problemas reais no ambiente escolar, melhorando a qualidade de sua formação.

Recortando para o componente: Estágio Curricular Supervisionado, o projeto pedagógico do curso de licenciatura em química se mostra com poucas inovações, se tornando sinônimo das leis, resoluções e portarias supracitadas no trabalho, pois não aponta nenhum tipo de destaque ao período de estágio, como comparado a estrutura física dos laboratórios do curso, limitando ao estágio apenas uma página de suas 116.

O fragmento do texto reservado ao estágio supervisionado diz que o estágio: “objetiva inserir o licenciando no contexto de sua atuação profissional, familiarizando-o com o ambiente escolar da educação básica onde vivenciará situações reais de docente inerentes ao cotidiano de sala de aula e aos demais setores das escolas. No entanto, não enfatiza a complexidade do instante do estágio, como meio problematizador da profissão e ou realidade escolar, e dá destaque as atividades do licenciando como: planejamento de aulas, elaboração de diários de campo e relatórios. Esse destaque pode trazer uma discordância do real sentido da prática de estágio, podendo levar ao estudante de licenciatura em química a uma interpretação equivocada a respeito do objetivo principal do estágio é tirar da integração com a realidade profissional, questionamentos e reflexões que possam ser usadas como instrumento de auxiliar a sua formação e entregar relatório seja, apenas atividades de aspecto burocrático vivenciados durante esse período. Logo o relatório nada mais é que uma formalidade que o estudante tem que executar, até porque é necessário seu conhecimento sobre a elaboração do mesmo, no entanto não é objetivo principal do processo de estágio. O que nos leva mais uma vez ao conceito dos aspectos e realidades dos meios de avaliação, que sempre

procura um carácter quantitativo para ratificar índices de aprendizado, não levando em conta a abrangência de saberes e questionamentos nesse período.

O estágio deve estar ligado à formação de profissionais que discutam de forma ampla a ideia de ser professor, buscando mais os aspectos das realidades culturais e sociais do ato de ensinar. Os cursos formadores têm que diminuir o carácter profissional, mercadológico, recheado de valores científicos e pôr em prática o sentido epistemológico do ser professor. O sentido da prática de estágio no curso de licenciatura em química destoa do seu objeto “principal” que é a partir dessa prática auxiliar os futuros docentes serem capazes de discutir intervenções em seus ambientes de trabalho e o mais importante dos aspectos: serem capazes de intervirem em suas próprias práticas profissionais, sendo apto a terem suas próprias ideias e não apenas conectivos de informações.

Portanto acredita-se na necessidade de uma melhora no aspecto formativo do projeto e/ou, mesmo que não seja o caso, um mais amplo aprofundamento na ementa do curso, para melhor elucidar e qualificar a prática do estágio. Que segundo a ementa do curso de licenciatura em química: o estágio curricular supervisionado é obrigatório, iniciando no 5º semestre, cuja carga horária (400 horas) é requisito de para aprovação e obtenção de diploma, ou seja, mais uma vez coloca a prática como objeto de reprovação e aprovação do estudante.

Sendo assim o texto do projeto pedagógico do curso, quando se trata de estágio supervisionado não apresenta muitas mudanças, para um componente curricular tão complexo na formação docente em química em relação a Lei Nº 11.788, de 25 de Setembro de 2008 que regulamento a prática de estágio no âmbito nacional ou a Portaria Nº 1444/GR de 09 de julho de 2014 que orienta as práticas de estágio nas licenciaturas. O projeto poderia enfatizar a importância do período, indicando sua contextualização, apoio de autores, destacar o uso desse instante como campo de pesquisa, talvez trazendo mais esse olhar reflexivo o licenciando pudesse despertar interesse e aproveitar melhor o estágio como instrumento para sua formação.

## 2. CONCEPÇÕES DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Segundo Pimenta e Lima (2012, p.133):

O estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuí-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas.

O estágio é o momento de ir ao encontro do ambiente real profissional e colocar a prática em ação, alicerçado pela teoria, pois teoria e prática são indissociáveis. Adquirir uma formação profissional docente e na área da química baseado na realidade concreta do lócus de trabalho oportuniza mecanismos de reflexões, criticidade e discussões dos momentos vivenciados nesse período.

Fernandes (2010 p. 339) pensa assim esse respeito:

Ao trabalhar a compreensão de prática como prática social e do curso como uma *unidade* de totalidades em movimento, o *estágio* configura-se como um território a ser ocupado em uma triangulação interativa entre a formação pedagógica, a formação específica e a inserção no campo profissional. Inserção que está eivada das hierarquias das estruturas de poder entre a Universidade e os espaços formais e não formais.

A fase do estágio supervisionado é instante de interação e relação ambiente profissional, ambiente formador e formando. Um professor de química deve encontrar muitas barreiras no seu campo de trabalho, logo precisa ter uma formação que lhe auxilie a ser um bom professor e que atuação como docente não seja apenas um meio de subsistência. Vale lembrar que além da instituição formadora, os formandos possuem também a responsabilidade por sua formação adequada, não ficando no conformismo, portanto eles têm que possuir autocrítica e reflexão a respeito de sua formação e ela está ajudando-o a ser um professor.

Para Guerra (1995) o Estágio Supervisionado consiste em teoria e prática tendo em vista uma busca constante da realidade para uma elaboração conjunta do programa de trabalho na formação do educador.

No entanto ainda nos deparamos com a dicotomia entre teoria e prática nos cursos de formação de professores, marcados pelas desigualdades nas bases curriculares no que diz respeito a esses aspectos, deixando clara a pouca relevância dada à unidade entre os fundamentos teóricos e pedagógicos. O perigo dessa polarização entre teoria e prática é alienar o sujeito a ser formado de seus objetos reais de estudo e não tendenciar as ações reprodutivas e repetitivas.

Seguindo essa linha de pensamento, Fernandes (2010, p. 331):

A cisão entre sujeito e objeto, que tem-nos coisificado, reproduz-se na cisão teoria e prática, como se fora possível construir uma teoria sem que ela tenha passado pelo filtro da prática refletida em seu *lócus* sociocultural, e de uma prática sem reflexão, sem ter um cerne teórico, embora não explicitado.

Como foi observado anteriormente a separação do sujeito do seu objeto sem que ocorra prejuízo na qualidade da formação do licenciando em química é praticamente impossível e sim temos que considerar a ineficácia desse paradigma. Pois ele serve apenas para retratar o aspecto retrógrado no âmbito da educação nacional, principalmente nos cursos de licenciatura que insistem manter essa dualidade entre teoria e prática.

De acordo com Pimenta (2012, p.134):

Na verdade, os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem. Assim, nem sequer se pode denominá-las teorias, pois são apenas saberes disciplinares em cursos de formação, que em geral estão completamente desvinculados do campo de atuação profissional dos futuros formandos.

Uma grande parte das instituições formadoras de professores não se questiona a respeito do tipo de profissão que deseja formar, se aquele professor de química vai saber lidar com a realidade e diversidades, seja ela cultural e/ou social na escola em que vai trabalhar no momento de se planejar os currículos dos cursos, trazendo a tona a distância da relação teoria-prática-ação. Logo a ausência dessa relação distancia o futuro professor de química uma formação reflexiva, investigativa, onde o formando poderia intervir na vida realidade social da escola,

professores, alunos e até da comunidade, essas intervenções daria mais experiências ao futuro docente em química do que ficar preso em teorias.

Baseado na relação teoria e prática Candau e Lelis et al (1983, p.12-18) identificam duas visões:

A primeira é dicotomia, que enfatiza a autonomia da teoria em relação à prática e vice-versa. A expressão mais radical dessa visão é entendimento de que na prática a teoria é outra. Mas também considera teoria e prática como polos associados, diferentes e não necessariamente opostos. A teoria tem primazia em relação à prática e esta é aplicação daquele, podendo, eventualmente, ser corrigida ou aprimorada pela prática. Mas, via de regra, a prática conforma-se à teoria.

### **2.1.O Estágio como Prática de Imitações de Modelos**

O estágio supervisionado sob o olhar da concepção de imitação dos modelos já existentes traz ao formando em licenciatura em química o que o próprio nome já diz: imitação. Nesse conceito de estágio o estagiário apenas observa as aulas e tenta de alguma forma coletar métodos que poderão usar no seu momento de professor, afastando inserção das experiências do formando nesses modelos, ou seja, exclui o licenciando em química como também sujeito do processo. Esse modelo de estágio diminui a importância do momento vivenciado no meio mais repleto de conhecimento e variáveis da realidade que o licenciando em química tem que analisar, absorver e melhorar seu olhar a respeito da profissão. Profissão não apenas na visão mercadológica, mas no sentido investigador, onde no período do estágio pode ser aguçada e aprimorada.

O pressuposto dessa concepção vem do pensamento da realidade do ensino, da sociedade e até dos alunos de que sejam uma constante, como se a sociedade, a cultura não fosse dinâmica e o que sabemos hoje, pode não ser ou fazer o mesmo sentido amanhã. Nesse modo de pensar, na formação do professor de química, não se leva em consideração os vários aspectos da realidade social como: dinamismo, diversidade cultural, financeira, não enxerga a mudança no acesso escolar, a nova concepção e formação de família, todos esses fatores influenciam na dinâmica da sociedade, influenciando também na formação do professor, pois ele tem que está

em contato com essas mudanças em sua realidade profissional. Esse dinamismo é o que auxilia na construção do ser professor, pois torna o futuro professor de química mais que um mero passador de matérias e sim em um investigador que retira dessa dinâmica que é o ambiente escolar experiências, diagnósticos que influenciam na sua capacidade de se tornar um profissional de qualidade.

Tem-se muito a ideia de que bom professor é aquele onde seus alunos entram nos melhores cursos universitários, tem as melhores notas, ou seja, tem como cerne da questão o conhecimento pontual, do agora, mas será que esse profissional conseguiu auxiliar seu aluno a ter senso crítico, a pensar por conta própria ou esse aluno apenas é apenas um ponto nesse ciclo vicioso que é o modelo de imitações? Ou seja, são questionamentos, indagações que se devem levar para os cursos de formações de professores e a partir desses, modificarem suas concepções sobre a validade dessa prática.

Essa concepção de estágio mina a imaginação e capacidade crítica e reflexiva do futuro docente em química, não contribuindo em nada em sua formação de professor autocrítico, pesquisador e intervencionista, essa ideia de estágio apenas “cria” professores com pensamentos conformista e sem motivação para o novo.

Partindo do ponto de vista de Pimenta e Lima (2012, p. 135):

A prática como imitação de modelos tem sido denominada por alguns autores “artesanal”, caracterizando o modo tradicional da atuação docente, ainda presente em nossos dias. O pressuposto dessa concepção é que a realidade do ensino é imutável e os alunos que frequentam a escola também o são. [...] Não cabe, pois considerar as transformações históricas e sociais decorrentes dos processos de democratização do acesso, a qual trouxe para a escola novas demandas e realidades sociais, com a inclusão de alunos até então marginalizados do processo de escolarização e dos processos de transformação da sociedade, de seus valores e das características que crianças e jovens vão adquirindo.

## 2.2.O Estágio como Prática de Instrumentalização Técnica

O pensamento do estágio como instrumentação técnica faz referência ao treino de técnica, ou seja, praticar habilidades já existentes, retomando o modelo de imitação. Todo profissional docente em química precisa possuir técnicas, assim como qualquer profissional qualificado, mas a concepção de apenas repetir práticas pré-estabelecidas reduz a capacidade do formando de desenvolver suas próprias habilidades.

Esse tipo de concepção tem um olhar voltado apenas a questão prática do momento de estágio, mas será que saber preencher cadernetas, fazer planos de aula é o suficiente para ser um professor de química qualificado? Será que essas técnicas serão eficientes no embate com as dificuldades que os futuros docentes em química terão?

Respondendo a esse questionamento Pimenta e Lima diz que (2005/2006, p.7):

O exercício de qualquer profissão é técnico, no sentido de que é necessária a utilização de técnicas para executar as operações e ações próprias. Assim, o médico, o dentista necessitam desenvolver habilidades específicas para operar os instrumentos próprios de seu fazer. O professor também. No entanto, as habilidades não são suficientes para a resolução dos problemas com os quais se defrontam, uma vez que a redução às técnicas não dá conta do conhecimento científico nem da complexidade das situações do exercício desses profissionais.

A profissão de professor é complexa, assim como é a sociedade, lida com situações variadas todos os dias, logo o licenciando em química tem que ser estimulado a refletir e questionar tudo o que faz, como faz e a partir desses questionamentos, ele assimilará melhor essas técnicas unindo-as com as experiências vividas, na instituição formadora, sociedade, realidade do ambiente de trabalho, ai sim estará preparado para desenvolver suas habilidades e saberá emprega-las nos momentos em que achar adequado, possuirá a capacidade de observação, investigação e diagnóstica do ser professor.

Para Pimenta e Lima a concepção de estágio como prática de instrumentação técnica (2012, p.137):

Nessa perspectiva, o profissional fica reduzido ao “prático”: não necessita dominar os conhecimentos científicos, mas tão-somente as rotinas de intervenção técnica deles derivadas. Essa concepção tem sido traduzida, muitas vezes, em posturas dicotômicas em que teoria e prática são tratadas isoladamente, o que gera equívocos graves nos processos de formação profissional.

Repensando as duas concepções, vimos que o estágio supervisionado vem da visão teoria ou prática, ou seja, segregando um em detrimento do outro, fato que limita a importância do estágio como enriquecimento crítico, reflexivo e científico do licenciando em química. Segundo USBERCO e SALVADOR (2002, p.13): “A química é a ciência que estuda a matéria, as substâncias e suas transformações.” Como citado acima, o conceito de química fala das transformações das substâncias que compõe as matérias, logo um futuro professor de química tem que possuir e desenvolver habilidades de lidar com os diversos tipos de transformações, seja na transformação de substâncias, como na realidade escolar e sociedade.

Candau e Lelis et al (1983, p.12-18), negam essa visão dicotômica, característica do positivismo, as autoras defendem a visão de *unidade* entre a teoria e a prática. Unidade que não é identidade, mas relação simultânea e recíproca de autonomia e dependência.

A unidade citada pelas autoras acima é o fator central que deve ser considerado nas entidades formadoras de professores, é trazer conexões entre as disciplinas componentes dos cursos e a realidade em que o ensino ocorre. A busca apenas pelas técnicas é um pensamento apequenado, pois quem comprova que o uso dessas técnicas resolverá os contratempos advindo do dinamismo do ambiente escolar? As técnicas são tão importantes quanto o olhar real no lócus de trabalho, a diferença é que contemplar as variáveis na sala de aula facilita o repensar a realidade, os resultados dos questionamentos e a partir daí verificar as possíveis propostas e soluções para esses conflitos.

### 2.3.Práxis e a Formação do Docente em Química

Práxis é a indissociabilidade entre teoria, prática e intervenção, ou seja, a teoria auxiliará a prática a mudar o conceito, um instrumento, um sistema social. Práxis se relaciona de maneira direta com a atividade licenciando em química, pois ele recebe os conceitos teóricos, aplica-los em sala de aula e a partir dessa prática ele pode formular mais conceitos, habilidades que serão usadas nas próximas aulas, sem práxis o professor abdica de ser um profissional qualificado e se torna apenas um repetidor de modelos e técnicas.

Segundo Pimenta e Lima (2012, p.135), para desenvolver essa perspectiva, é necessário explicitar os conceitos de prática e de teoria e como compreendemos a superação da fragmentação entre elas a partir do conceito de práxis, o que aponta para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade.

A teoria pode ser conceituada como o meio que oferece mecanismo de reflexão, questionamentos, que propicia a investigação das práticas da realidade, das ações dos sujeitos, mas ao mesmo tempo, concede meios para se colocar em análise também, pois a teoria é um conceito temporário da realidade.

Portanto a teoria é importante na formação do licenciando em química, mas não deve ser vista como verdade absoluta, pois saber conceitos sem saber empregá-los não é suficiente para formação do futuro do docente.

A prática é voltada ao objetivo, aos resultados do que se pode fazer com a teoria, que sim, é necessário ter o conhecimento teórico, fato que nos leva de volta ao pensamento errôneo da maior importância da teoria em relação a prática.

[...] é o caráter real, objetivo, da matéria-prima sobre a qual se atua, dos meios ou instrumentos com que exerce ação, e de seu resultado ou produto. Na atividade prática o sujeito age sobre a matéria que existe independente de sua consciência e das diversas operações exigidas para sua transformação. (VÁSQUEZ, 1968, p. 193 apud PIMENTA, 2012, p.102.)

Partindo da ideia de práxis, os conceitos supracitados, tem uma inter-relação um está dentro do outro, pode sim existir particularidades diferentes, mas que

convergem em ação, teoria e prática resulta em ação e essa ação é que vai auxiliar no processo formativo do licenciando em química. Ou seja, só a teoria não se configura a práxis, a teoria por si só não transforma a realidade e a prática sem fundamentos teóricos torna-se apenas tentativas de acertos, logo teoria e prática são indissociáveis.

O estágio diferente do que se apresenta ou apresentou, a depender da instituição formadora, não é atividade meramente prática, ou imitação de modelos e aplicação de técnicas, mas teoria que instrumentaliza a prática, transformando em ação e essa ação é a práxis docente, que pode mudar a realidade em que se encontra, ou seja, é no momento do estágio que o licenciando em química pode aprender a realizar a práxis.

A partir disso, Pimenta et al (1994) diz:

O estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis. Ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá.

Todos os aspectos destacados pela autora na citação acima tem que ser analisados também na instituição formadora, pois é nela que o estudante de química poderá ter auxílio para melhor sintetizar as competências adquiridas no campo escolar, isto é, nem sempre o estudante vai ao campo de estágio e consegue realizar as conexões necessárias de todos os conhecimentos e informações alcançados e as vezes nem eles próprios possuem a consciência de que contém esses conhecimentos. Ou seja, realiza a práxis estudante, orientador, escola campo, sociedade e instituição formadora.

Reforçando essa questão Pimenta e Lima diz que (2005/2006, p. 12):

Portanto, no estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores se apropriem da compreensão dessa complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais, como possibilidade de se prepararem para sua inserção profissional. É, pois, uma atividade de conhecimento das práticas institucionais e das ações nelas praticadas.

Uma solução é usar o estágio como elo entre as disciplinas do curso, professores orientadores, relação universidade e escola campo e todas essas variáveis formarem uma unidade que tem como objetivo a boa formação docente, o estágio pode ser o meio integrador que oferece a mudança nas perspectivas e concepções sob o ato de educar.

### **3.REFLEXÕES A CERCA DA COLETA DE INFORMAÇÕES COM OS SUJEITOS DO TRABALHO**

A princípio foram obtidos dados para a formação dos perfis dos entrevistados através de um questionário, meio objetivo, que dá anonimato ao sujeito questionado e rápido na estruturação da coleta de informações. Por meio desses materiais foi possível direcionar a escolha dos possíveis entrevistados, que foram ouvidos através de entrevista semiestruturada, seguindo roteiro aberto, que dá mais liberdade, tanto ao entrevistado quanto ao entrevistador, pois permite que novos questionamentos sejam incluídos no decorrer do diálogo.

Esse diálogo ocorreu de forma individual, maneira que coloca o entrevistado como o sujeito do processo, buscando conhecer suas características, perspectivas e ideias, os sujeitos da entrevista foram selecionados por discutirem de forma mais segura suas concepções a respeito do curso, estágio, profissão docente, eixos que nortearam o trabalho. Foram entrevistados 04 alunos, onde 02 eram do 8º período e 02 do 7º período e serão citados como E1, E2, E3 e E4 como maneira de identificar e reproduzir de maneira que se possa diferenciar um colaborador do outro.

#### **3.1.Formação do Perfil dos Entrevistados**

No questionário coletamos informações sobre faixa etária, se já tinha graduação, se gostavam de química, o porquê da escolha pela instituição e na entrevista, indagamos a sobre assuntos mais específicos como por exemplo: Concepções sobre educação, cursos formadores de docentes, conceito sobre estágio, Impactos em sala de aula, relação com orientador e a importância do estágio em suas formações.

Segue abaixo gráfico com resumo das informações coletadas:

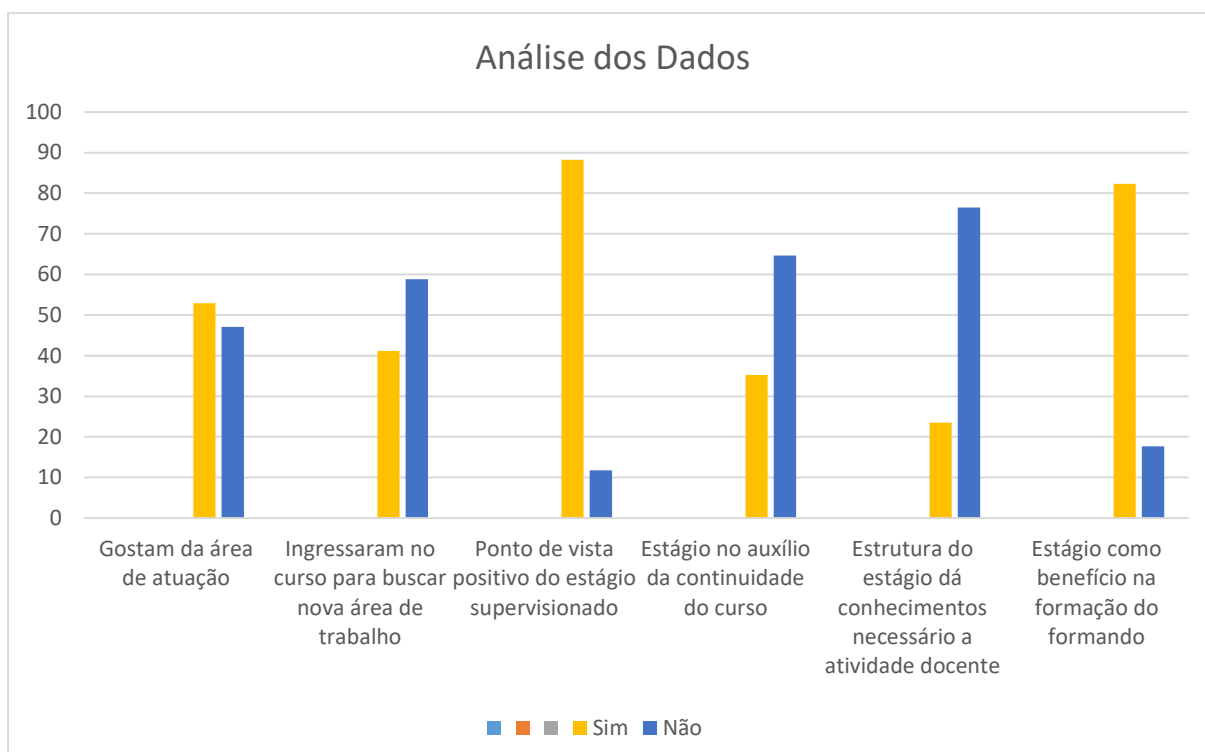


Figura 1- Informações obtidas no questionário e entrevista.

A princípio verificou-se que os questionados tem faixa etária acima de 23 anos, não possuem outra graduação, gostam de química no entanto quando se trata de lecionar a disciplina apenas E2 tinha a profissão docente como primeira escolha, para os demais a escolha pela licenciatura veio por várias razões exceto pela vontade de atuar na área da educação.

Sobre atuar na docência os entrevistados dizem que:

E1: "Me defino como alguém que gosta da área de exatas e isso me levou a escolha do curso. A escolha pela instituição foi apenas questão de nota, mas se fosse para escolher, não seria professor."

E2: "Gosto de química e sempre quis ser profissional da educação, minha visão de crescimento pessoal sempre me levou a pensar que a educação seria o meio para esse crescimento."

E3: "Me defino como prática e não tinha intenção de seguir a carreira docente, queria usar algumas disciplinas do curso para entrar em outro curso."

E4: "Gosto de química, mas minha escolha não era seguir na carreira de docente, não me achava atraída pela profissão e a escolha pelo curso e instituição foi por questão de logística e por só ter licenciatura na área da química."

As respostas fornecidas pelos sujeitos podem nos levar a acreditar que os cursos de licenciatura têm atraído pouco aos estudantes, talvez pelo desprestígio, baixas remunerações e até sexismo da área. A desvalorização da profissão docente vem crescendo ao longo dos anos poucos são os que realmente entram na área por realmente se entender professor, o que vemos é uma "invasão" de profissionais de diversas áreas atuando como professor sem a qualificação e formação adequada para a profissão, isso leva a crer que qualquer indivíduo com curso superior pode se tornar professor. Logo pergunta-se para quem cursar licenciatura? Ou seja, a desvalorização da profissão cabe reflexões que vão além das questões governamentais e sociais, o que inclui a falta de qualidade nos cursos de formação que cria dualidade e dicotomia entre prática e teoria cursos, tendo muitos ainda a visão de pedagogia tecnicista, formando profissionais técnicos e burocráticos e esquecem-se da formação pedagógica, ética e política dos seus alunos.

Segundo Franco (2003, p. 125):

"à medida que a pedagogia foi se instrumentalizando, para organizar procedimentos de sala de aula, dentro dos pressupostos de uma racionalidade técnica, ela foi perdendo sua dimensão fundamentadora de ser a parceira crítica da prática educativa, para ser apenas a formadora de técnicos de produção de aulas."

Logo com a condução da sala de aula transformando-se em rotina, onde a reflexão não se fazia necessária, veio à desvalorização do profissional docente, ou seja, qualquer pessoa pode assumir uma sala de aula, desde que saiba como preencher cadernetas, planilhas. Fato que diminui o profissional e a profissão de professor acaba se tornando pouco atrativa para os estudantes.

### 3.2. Concepções sobre Educação

A educação é o eixo que dá direção à sociedade, capaz de mudar a situação em que se encontra, através dessa força de transformação da educação o indivíduo pode conhecer a si e a realidade que o rodeia, tornando-se crítico de sua situação a partir de crítica poderá modificar sua vida como um todo. Quando o indivíduo se torna capaz de conhecer sua realidade a capacidade de modificação da mesma torna-se real, concreta, pois sua visão e perspectivas condicionadas em diversas reflexões faz com que ele seja conhecedor de si de tal maneira que a possibilidade na conversão dessa sua situação pode ser alterada.

Sobre esse tema os sujeitos questionados dizem:

E1: "Acredito na ideia transformadora da educação, de como a educação pode mudar a sociedade. A educação é o princípio de tudo sem as mudanças produzidas por ela na sociedade como um todo não existe futuro."

E2: "Educação é tratar o aluno como ser individual cada aluno tem sua peculiaridade, então através da educação passar aos alunos não apenas conteúdo da disciplina, mas fazer deles pessoas capazes de pensar e refletir. "

E3: "Educação é o meio que se pode obter e fazer transformações na vida de alguém, o processo educacional é muito defasado, traz aos alunos apenas conteúdos. Esses aspectos se relacionam com a má formação e qualidade de vida dos professores.

E4: " Educação é o meio das transformações sociais, mas está sendo deixada de lado, fato que exemplifica esse situação é o exercício da profissão de docente por pessoas sem formação na área.

O conceito de educação como objeto de transformação da sociedade foi compartilhada por todos os colaboradores das entrevistas, o que deixa claro a concepção positiva sobre educação como meio norteador da coletividade, assumindo o papel de resgatador da importância do sujeito atuando como agente ativo diante da estrutura social.

Como diz Luckesi (1994, p. 51):

"A tendência transformadora, que é crítica, recusa-se tanto ao otimismo ilusório, quanto ao pessimismo imobilizador. Por isso, propõe-se compreender a educação dentro de seus condicionantes e agir estrategicamente para sua transformação. Propõe-se desvendar utilizar-se das próprias contradições da sociedade, para trabalhar realisticamente (criticamente) pela sua transformação."

Acreditar na força de transformação da educação não é fato ilusório é enxergar que as maiores conquistas sociais ocorrem através da educação, mas tem que se ter consciência de que para tanto é necessário mudar algumas relações e visões que circundam a ideia de educação.

Educação não é apenas colocar alunos na estrutura física: escola, é dá toda um alicerce para a sociedade como um todo, como boa formação aos professores, valorização profissional, remuneração adequada, estrutura física da escola capaz de abrigar aos alunos sem riscos e de formar acolhedora. Ou seja, existem muitos aspectos que permeiam uma boa educação e consecutivamente uma sociedade melhor para todos.

### **3.3. Cursos de Formação de Professores de Química**

Os cursos de formação de professores têm melhorado e muito sua qualidade, mas mesmo assim a formação dos futuros docentes em química ainda tem muito que se adequar, a princípio no que diz respeito à valorização da práxis e da relação com a comunidade. Ainda existe um espaço enorme entre as entidades de curso superior e a comunidade que a circunda, há pessoas que nunca tiveram a oportunidade de ao menos fazer uma visita a uma universidade/faculdade, muito menos de ter sua realidade alterada por projetos de interações. Ou seja, seus alunos ao invés de relacionar o conhecimento adquirido nas instituições com os da rede social que os permeiam, acabam se afastando dessa homogeneização de saberes.

A respeito dos cursos de formação de professores os entrevistados dizem que:

E1: A respeito dos cursos de formação de professores, muitos estão mais focados nas disciplinas específicas, as vezes não é nem a instituição formadora o problema

e sim o professor que já está acostumado ao mesmo método de ensino, focado mais em teoria."

E2: Em relação aos cursos de formação de professores tem melhorado com os anos, mas ainda existem instituições que permanecem com a ideia de passar conteúdos e não tornar o futuro profissional capaz de entender a diversidade que encontrará em sala de aula "

E3:" Em relação aos cursos de formação, tem melhorado, mas está longe de atingir a excelência, pois existem ainda pensamentos equivocados de formadores de professores que acreditam que passar conteúdo é o suficiente, basta conhecer conceitos de química e já é capaz de enfrentar a sala de aula."

E4: "Os cursos de formação de profissionais docentes tem melhorado investindo mais no eixo pedagógico, como o IFAL."

Para Pimenta e Lima (2012, p.135):

"Na verdade, os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem. Assim, nem sequer se pode denominá-las teorias, pois são apenas saberes disciplinares em cursos de formação, que em geral estão completamente desvinculados do campo de atuação profissional dos futuros formandos."

Apesar das modificações que ocorreram com o tempo na área da educação, acredita-se que as entidades formadoras ainda têm muito a melhorar principalmente no que concerne aos aspectos das disciplinas específicas e até mesmo a respeito dos docentes responsáveis por tais disciplinas, vemos isso principalmente nos cursos de licenciatura nas áreas de exatas, recortando para o curso de química. Sabe-se da importância dos saberes próprios da disciplina, no entanto, ainda temos formadores de professores com pensamentos de que alunos são apenas reprodutores de seus conhecimentos, não respeitando assim o lado reflexivo e principalmente a individualidade de cada ser. Deve-se ter uma concepção mais ampliada da transmissão de conhecimentos e teorias imitativas no concerne formar um profissional capacitado, expressar formação como método instrumental, avalia apenas o produto e não o processo, esses pensamentos enfatiza a heterogeneidade

no processo formativo e já não satisfazem mais a sociedade em que nos encontramos, que tem sede de aprender, agregar e mudar.

Além de habilitar ao exercício da profissão os cursos de formação, tem a necessidade de colaborar com a formação docente do futuro profissional, pois para ser professor de química não basta apenas aprender atividades burocráticas e/ou técnico-mecanizadas. Todo trabalho docente contribui no processo de humanização dos seus alunos, busca-se a construção permanente de conhecimentos, para tanto os cursos de formação precisam buscar e aplicar as ferramentas necessárias para auxiliar no desenvolvimento e criação da identidade profissional do professor de química que forma.

### **3.4. Conceito de Estágio**

O estágio é o instante do conhecimento da realidade que será encarada no futuro profissional, período da relação faculdade e sociedade, momento divisor de águas para os licenciandos em química.

Segundo Pimenta e Lima (2004, p.45):

A aproximação à realidade só tem sentido tem conotação de envolvimento, de intencionalidade, pois a maioria dos estágios burocráticos, carregados de fichas de observação, é míope, o que aponta para necessidade de um aprofundamento conceitual do estágio e das atividades que nele se realizam.

Sobre conceito de estágio os entrevistados dizem que:

E1: "Estágio é o momento de concretizar os conceitos vistos em sala de aula, "a hora prática", de se estabelecer certezas a respeito do prosseguimento do curso e/ou profissão."

E2: "Estágio é a união da teoria e prática, é o momento de ação. Colocar em xeque seu aprendizado em ação, não só no diz respeito a conceitos químicos, mas didáticos e pedagógicos."

E3: "Estágio é o momento da prática, de se estar no seu futuro local de trabalho, de conhecer a realidade escolar em outra função, como professor".

E4:"Estágio é o momento de colocar em prática algumas coisas que se aprendeu em sala de aula.

Estágio é o instante da práxis, no estágio se integra conceitos teóricos e práticos, ação e intervenção. Não foi o que os entrevistados sentiram, ou talvez desconheçam o significado de estágio, ou essa caracterização de estágio seja o pressuposto de seus processos de formação.

Portanto segundo AROEIRA, 2014, p.119 apud PIMENTA, 2012, P. 63:

"Quando o futuro professor é concebido como um consumidor de teorias ou como apenas transmissor de conhecimentos, os estágios, assim como o curso de formação de professores, evidenciam dificuldades em relação ao próprio entendimento que se tem sobre o que é educação e que professor se quer formar nesses contextos."

O tempo do estágio é a integração entre a entidade formadora, escola-campo e aluno, é o instante de conhecer a realidade e a partir desse "conhecer" é que se criam as expectativas, as afirmações e/ou negações. É no estágio que se iniciam e se estabelecem as características de um bom profissional, esse é o instante de incentivar o lado crítico e reflexivo do licenciando em química e por meio desse incentivo pode-se ter além de um bom professor, um bom ser humano, pois não se forma apenas um profissional, mas acima de tudo um indivíduo ciente dos seus direitos e deveres perante a sociedade e a sua atividade profissional.

### **3.5. Perspectivas e Dificuldades no Período de Estágio**

O momento do estágio é a fase de curiosidade do licenciando em química, é o instante do querer saber como é estar do outro lado, de ser professor. As perspectivas e indagações que permeiam os licenciandos em química no instante de estar em sala de aula como professor são extremamente importantes, pois é justamente com esses questionamentos que se inicia o lado reflexivo dos formandos e é a partir deles que os orientadores deveriam fomentar suas orientações.

Sobre a citação acima Pimenta e Lima diz (2004, p45): É preciso que os professores orientadores de estágios procedam, no coletivo, junto aos seus pares e

alunos a essa apropriação da realidade, para analisá-la e questioná-la criticamente, à luz de teorias.

Logo evidencia-se a relevância da interação professor orientador e seus alunos, pois o produto dessa junção pode trazer a luz uma nova identidade profissional para os licenciandos em química, visto que a identidade não é algo imutável. Contextualizar, conceituar, tratar o estágio como ferramenta de embate reflexivo faz com o estagiário assuma uma postura investigativa podendo leva-lo ao campo da pesquisa durante esse período, o que pode solucionar ou pelo menos diminuir a dicotomia entre teoria e prática, pois a pesquisa leva a reflexão, problematização e as respostas o estagiário retira de suas próprias descobertas durante o estágio.

É durante esse processo que também aparecem algumas dificuldades para muitos alunos de licenciatura em química, principalmente financeiro, pois muitos não trabalham e tem que arcar com os custos como o de transporte e alimentação durante o estágio e os que trabalham tem problemas para encontrar tempo e/ou escola-campo que se adeque ao tempo que disponibiliza. Todas essas perspectivas e dificuldades devem ser levadas em consideração, pois o estagiário em química como sujeito da disciplina vem carregado de diferentes características, logo a disciplina de estágio curricular supervisionado não pode homogeneizar suas práticas, visto que existe diversidades em sala de aula.

As perspectivas dos entrevistados no estágio:

E1: "Minhas perspectivas eram só como seria estar em sala de aula no papel de professor e minhas dificuldades foram só para encontra a escola-campo de estágio."

E2: "Na verdade minhas perspectivas era chegar na escola e tentar dá uma aula diferente da que eu tive na época da escola, mas infelizmente a maioria das escolas não tinham estrutura."

E3: "Minhas perspectivas eram outras, achava que teria um maior acompanhamento do orientador, o que não houve."

E4: "Não tinha perspectivas em relação ao estágio, mas confesso que mesmo não sendo muito organizado, aprendi muito durante o estágio."

Para Pimenta e Almeida (2014, p.28):

Os professores, por sua vez, são profissionais formados para realizar a mediação crítico-reflexiva entre aluno e o conhecimento através de seu trabalho específico que é o ensino e situação.

A falta de perspectiva e/ou na não confirmação delas como citou E3 pode ser vista como exemplo do mau uso da ferramenta do estágio e até mesmo da falta de organização de algumas entidades formadoras quanto à disciplina como foi referido por E1, E2 e E4, no que se refere à dificuldade de se encontrar escola-campo de estágio. Além disso, o período de estágio traz à tona como o aspecto econômico de alguns alunos de licenciatura em química pode afetá-los, o que não é levado em consideração quando se monta a grade curricular do curso. Ou seja, essa separação do estágio como o momento de prática não é mais satisfatória para muitos, se requer mais organização e discussão para não destoar muito do sentido concreto de estágio.

### **3.6. Impactos dos Momentos Iniciais em Sala de Aula**

Os momentos iniciais em sala de aula é o instante dos receios, das dúvidas e é aí que entra a função do orientador, é ele que deve trazer aos alunos alguns meios para esses receios e dúvidas sejam transformados em aprendizado. Em seu campo de estágio o licenciando em química conviverá momentos de certezas e incertezas, mas usando no processo a problematização, contextualização, como citados anteriormente, pode retirar desses instantes muitos aprendizados, o que nos leva ao processo de ensino aprendizagem, ao aprender a aprender.

Para Fernandes (2010, p.342):

Sem a responsabilidade coletiva dos professores, da instituição formadora e de quem recebe os estagiários, em um projeto construído em parceria fortalecendo relações pedagógicas triangulares mediadas por este projeto. Essas relações precisam ser construídas e fortalecidas entre as gentes – professores em formação, professor orientador e alunos da classe, conectados com a realidade local do estágio, com papéis diferenciados e respeitados, porque acolhidos com suas diferenças, em que essas diferenças

se constituam em uma categoria de conteúdo ético e, não sejam apenas diferenças de papéis sociais e culturais.

Sobre os momentos iniciais em Sala de Aula os entrevistados dizem que:

"E1: foi o instante de auto avaliação no diz respeito a conceitos da área de atuação de como colocaria os conceitos químicos nas aulas. Pois eu tinha o objetivo de usar os conceitos para dá uma aula dinâmica e trazer a química para o cotidiano do aluno. Com relação da interação IFAL e escola-campo, não houve, apenas nos mandaram procurar escola para estagiar e ponto, nenhuma relação com professor orientador."

"E2: Participo de PIBID e isso me fez ter mais clareza nos momentos iniciais em sala de aula. Em relação ao orientador é ótimo professor, mas não orientou."

E3: "Participo de projetos no IFAL que me coloca em contato com alunos da rede escolar, então para mim os momentos iniciais foram bem tranquilos. O professor orientador só vi quando fui entregar o relatório."

E4: "Para mim foi complicado, pois não tinha nenhuma orientação, tanto do orientador quanto do supervisor, foi literalmente jogada na sala de aula. Logo eu não tinha segurança de que meus métodos estavam sendo os corretos. Mas à medida que veio os outros estágios comecei a entender se estava fazendo o correto pelo feed back dos alunos."

Os trechos citados acima pelos entrevistados, expõem esse aspecto negativo da disciplina de estágio supervisionado, a orientação não ocorreu, o momento de estágio foi negligenciado e só foi transformado em afirmações e certezas pela própria força de vontade dos licenciandos em química.

Esse fato evidencia de como ainda existe a dicotomia entre teoria e prática nos cursos de formação de professores, ou até pode ser características apenas de alguns docentes formadores. O que está claro é como alguns desses docentes não estão preparados para trabalhar nessa disciplina ou talvez isso seja reflexo de suas formações.

A respeito do texto acima Luckesi (1994, p.98) diz que:

Isso se dá de tal forma que, muitíssimas vezes, para que alguém exerça a função de educador, não lhe é exigida nenhuma formação específica. Existem profissionais de áreas diversificadas que estão na regência escolar e que não tiveram nenhuma formação para tal. Possuem uma formação específica numa área do conhecimento e, a partir daí, dedicam-se ao ensino. Não é que eles não possam ser bons profissionais da educação. O que queremos ressaltar é que não se busca um senso crítico do papel do educador no processo educativo; não se exige do educador uma preparação adequada para o exercício da docência, tanto do ponto de vista do compromisso político, quanto do ponto de vista da competência técnica e científica, que ela exige.

No entanto, mesmo com a negligência da entidade formadora, ela de certa forma dá subsídios através de projetos, PIBID, que ajudam muitos alunos em diferentes frentes, como citou E2 e E3: "Participo de PIBID e isso me fez ter mais clareza nos momentos iniciais em sala de aula." Mas e os alunos que não participam de projetos, por trabalharem, morarem no interior, ou seja, que simplesmente não podem estar inseridos nesses projetos, como ficam esses alunos? São questões que devem ser refletidas da criação da grade curricular, assim como ao longo das turmas que se forma.

A relação teoria e prática entram justamente no aspecto da orientação, conforme citou E4: "Só no final do período de estágio entendi o significado da relação teoria e prática." Portanto, muitos estudantes enxergam o estágio como o instante prático da formação, momento de passar a teoria do ensino da química e não como relação das teorias que aprendem em sala de aula com os meios usados na prática do estágio, isso é destoando o conceito de estágio supervisionado.

Nesse contexto Pimenta e Almeida (2014, p.29) afirmam que:

"entendemos o estágio como campo de conhecimento que envolve estudos, análise, problematização, reflexão e proposição de soluções para ensinar e o aprender, e que compreende a reflexão sobre as práticas pedagógicas, o trabalho docente e as práticas institucionais, situados em contextos sociais, históricos e culturais. Nesse sentido, caracteriza-se como mediação entre professores formadores, os estudantes em cursos e os professores das escolas."

Logo a relação professor formador, professores das escolas e licenciandos em química em formação são de extrema importância é nessa relação que existe a qualidade de formação, onde o licenciando adquire informações da realidade escolar e tenta converter em práxis e intervenções e não apenas está em sala de aula para aprender apenas trabalhos burocráticos.

### **3.7. Importância do Estágio na Formação do Licenciando em Química**

O estágio tem sido uma barreira a ser superada pelas instituições de ensino há muito tempo e mesmo com o passar dos anos não é lhe dado à importância devida, mas aí retomasse os questionamentos: é a entidade formadora ou os docentes formadores que têm que dar o mérito adequado ao estágio? O que se entende é que ambos os fatores têm que dar a atenção necessária a esse processo, pois enxerga-se que esse período é talvez o momento mais crucial na formação do professor, porquanto é nessa fase que ele entra em contato com a realidade da sua futura área profissional.

É por não dá a valorização necessária ao estágio que alguns licenciandos em química do Instituto Federal de Alagoas – IFAL não conseguem enxergar o estágio como um dos fatores importantes no processo de afirmação da carreira de docente.

Sobre a importância do estágio em suas formações os entrevistados dizem que:

E1: “O estágio foi muito importante, mas não o fator principal para permanência no curso, pois eu já queria ser professor. Mudaria em relação ao caráter financeiro, pois alguns alunos não trabalham e no aspecto da busca por escola para estagiar.”

E2: “O estágio foi importante na afirmação da carreira como profissional docente, pois no instante que entrei em sala de aula, confirmei que era isso que queria para mim. Só mudaria na estrutura da disciplina maior organização, no que diz respeito ao professor orientador que muitas vezes começava o período e ainda não tínhamos o orientador. Acredito que o estágio influencia muito no desenvolvimento profissional, a partir do estágio se começa a pensar mais em que tipo de profissional se deseja ser”

E3: "Foi importante por retratar a realidade da sua profissão, além de me fazer reconhecer como professora. Fez com que eu quisesse mudar a realidade daqueles alunos, no sentido de trazer meus conhecimentos para os alunos de forma mais didáticas. Em relação a estrutura da disciplina mudaria o aspecto financeiro, uma maior organização em relação a instituição formadora para dispor de escolas-campo e em relação ao professor orientador, que não desempenha papel significativo na disciplina."

E4: "O estágio teve importância por me levar ao campo de trabalho, mas não foi o fator de maior importância, pois o PIBID teve mais influência em minha formação do que o estágio."

Fica evidenciado pelas falas dos entrevistados que o estágio, mesmo com suas dificuldades, ainda é uma disciplina que atua como divisor de águas em suas formações e que apesar dessas dificuldades acreditam no poder positivo dessa fase da graduação.

Almeida e Pimenta (2014. p. 73), pensam da seguinte maneira a respeito do tema:

"Durante o curso de graduação começam a ser construídos os saberes, as habilidades, posturas, atitudes que formam o profissional. Em períodos de estágio, esses conhecimentos são ressignificados pelo aluno estagiário a partir de suas experiências pessoais em contato direto com o campo de trabalho, que, ao longo da vida profissional, sendo reconstruídos no exercício da profissão."

Os cursos de formação têm importante papel quando se fala em construir e modelar habilidades de seus alunos e essas construções não pode ser mais vista apenas uma função da sala de aula e sim na formação como um todo, o que inclui o estágio supervisionado. Observa-se que ainda existe pouco aprimoramento no processo de ensino aprendizagem usando o estágio como fonte de saber, o que nesse caso prejudica ao formando em licenciatura em química que tem seu futuro ambiente de trabalho pouco utilizado como origem de saber.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto ao longo do trabalho verificou-se a importância do estágio supervisionado na formação do docente em química, ficou explícito também que, no curso de licenciatura em química do Instituto Federal de Alagoas, essa disciplina, tem como o principal fator de contribuição a inserção do estagiário na realidade da profissão.

A inserção do licenciando em química no campo profissional, além de retratar a realidade da profissão, traz também a necessidade do estagiário se enxergar professor. Contextualizar, conceituar, usar o estágio como instrumento de investigação, pode fazer com que o licenciando use o campo de estágio como campo de pesquisa, pois a pesquisa leva reflexão, problematização e todo esse questionamento é a construção da sua identidade profissional. O estágio não é apenas um espaço de pesquisa, reflexão e aprendizagem do curso de formação, também contribui para a formação da identidade, para o desenvolvimento de novos métodos pedagógicos do profissional e para o conhecimento da práxis pedagógica do docente em química, é uma atividade teórica com conhecimento da práxis. O curso de licenciatura em química, ainda contém as raízes da dicotomia teoria e prática, onde a visualização do estágio permeia nas práticas, observação, regências de aula e relatórios.

O estágio como componente curricular do curso, diferentemente do PIBID, possui uma pobre produção trabalhos acadêmicos e pesquisas, onde as maiorias dos estagiários apenas participam por se tratar de um componente obrigatório da grade curricular e desse período poucos conseguem visualizar a importância de estar inserido no campo de desenvolvimento e mudança da realidade da educação.

Como foi exposto na pesquisa alguns sujeitos questionados não consideram o estágio como fator importante para continuidade no curso, fato que demonstra que a disciplina ainda não é entendida por muitos, como uma ferramenta de reflexão e de pesquisa.

Nessa perspectiva, apesar da inclusão do licenciando em química na escola, campo de atuação profissional ser um fator importante na formação profissional, se faz necessário usar mais o estágio como instrumento de pesquisa, questionador da

realidade da educação, usar a disciplina como agente de reflexão no curso, usar o estágio como origem da formação, eixo de relação entre as disciplinas, instrumentalizando teoricamente os estagiários, desenvolvendo leituras, análises e problematização de suas práxis e identidades, pois o ser professor vai além de transmissão de conteúdo, ele atua como agente de mudança social.

## 5.REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido. ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NA FORMAÇÃO DOCENTE. São Paulo. Ed. Cortez. 2014. P. 28-119.

ALAGOAS,RESOLUÇÃO Nº 34/CS, DE 30 DE AGOSTO DE 2013. Aprova o Regulamento que estabelece as diretrizes para a realização de estágio dos estudantes do Instituto Federal de Alagoas. ALAGOAS, 2013. Disponível em: [https://www2.ifal.edu.br › reitoria › resolucoes › 2013](https://www2.ifal.edu.br/reitoria/resolucoes/2013). Acesso em 22 out. de 2018.

ALAGOAS,Portaria Nº 1444/GR de 09 de julho de 2014. Aprova as Orientações Normativas para a Prática Profissional na Licenciaturas do IFAL. ALAGOAS, 2014. Disponível em: [www.ensino.ifal.edu.br › legislacao-e-normas](http://www.ensino.ifal.edu.br/legislacao-e-normas). Acesso em 22 out. de 2018.

ALAGOAS. DELIBERAÇÃO Nº 63/CEPE, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2017. Aprova a Política Institucional do Instituto Federal de Alagoas – Ifal, para Formação Inicial e Continuada de Professores da Educação Básica. ALAGOAS, 2017. Disponível em: <https://www2.ifal.edu.br>. Acesso em 28 out de 2019.

BRASIL. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. LDB. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília,1996. Disponível em: [www.planalto.gov.br › ccivil\\_03 › leis](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis). Acesso em 17 Jan de 2018.

BRASIL. LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nos 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6o da Medida Provisória no 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Brasília, 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm) Acesso em 22 out de 2018.

BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 2, DE 1º DE JULHO DE 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda

licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>. Acesso em: 02/12/2019.

BRASIL.PARECER CNE/CES 1.303/2001. Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Química. Brasília, 2001. Disponível em: [portal.mec.gov.br > cne > arquivos > pdf > CES1303](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES1303). Acesso em 24 out. de 2018.

FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. O espaço-tempo do estágio nos movimentos do curso: interrogantes, desafios e a construção de territorialidades. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [37]: 325 - 345, setembro/dezembro 2010. P. 330-342.

FRANCO, G. O estágio supervisionado para profissionais do magistério e suas influências na prática docente. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual Vale do Acaraú e Universidade Internacional de Lisboa. 2003. P.125.

GUERRA, Miriam Darlete Seade. Reflexões sobre um processo vivido em estágio supervisionado: Dos limites às possibilidades, 1995.

LUCKESI, Cipriano. Filosofia da Educação. São Paulo. Ed. Cortez. 1994. P. 51-98.

PIMENTA, Sema Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. ESTÁGIO E DOCÊNCIA – TEORIA E PRÁTICA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. Formação da pedagoga e do pedagogo : pressupostos e perspectivas. Marília, 2012. Ed. Cultura Acadêmica. P.07 – 137.

\_\_\_\_\_. Estágio e docência: diferentes concepções. Revista Poíesis. V. 3. N. 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

\_\_\_\_\_. Estágio e Docência. São Paulo. Editora Cortez . 2004. P. 45-87.

PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática? São Paulo. Ed. Cortez. 2012. P. 42-102.

Projeto Pedagógico do Curso Superior de Licenciatura em Química na Modalidade Presencial. Alagoas. 2013. Disponível em: <https://www2.ifal.edu.br>. Acesso em 23 Jan de 2018.

USBERCO, João; SALVADOR, Edgard. Química Geral. Volume Único. 5ª Edição.  
São Paulo. 2002. P.13.